

# *Espaços e Materiais na arquitectura doméstica da Rua Direita de Viseu no século XVI\**

LILIANA A. DE M. E CASTILHO

## **Abstract**

*This study takes its approach in terms of the spaces and materials used in, and created by the civil, house-hold architecture of the Rua Direita, in Viseu during the sixteenth century. At the time (and even beyond) it was the most important street of the settlement, linking two of the main gates of the city's walls: the still existing Porta dos Cavaleiros to the Porta de Cimo de Vila.*

*The analysis presented here is based upon the information available in the Livros de Prazos of Viseu's Cabido within a time frame that goes from 1523 to 1598, and aims to allow a reconstruction of the way people inhabited this artery during the fifteen hundreds.*

## **Introdução**

Ainda hoje a artéria mais importante do núcleo antigo da cidade, a rua Direita de Viseu insere-se na tradição portuguesa de apelidar de rua Direita a artéria que liga duas portas da muralha<sup>1</sup>. Assim a rua em questão unia no século XVI a Porta dos Cavaleiros, ainda existente, à Porta de Cimo de Vila.

Esta análise baseia-se na informação contida nos Livros de Prazo do Cabido de Viseu, pertencentes ao Arquivo Distrital de Viseu, numa cronologia que vai de 1523 a 1598, tendo a natureza da informação documental determinado em muito a génese deste estudo. Tratando-se de documentação administrativa os Livros de Prazo são ricos em informação sobre a localização dos imóveis, elementos que contribuam para determinar o seu valor (área ocupada, pisos, existência ou não de quintais) os seus foreiros e os pagamentos a efectuar remetendo para plano secundário qualquer outra informação sobre os mesmos.

---

\* Estudo realizado no âmbito do Mestrado de História da Arte em Portugal da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

<sup>1</sup> RIBEIRO, Orlando – A rua Direita de Viseu. *Geographica Revista da Sociedade de Geografia de Lisboa*. Lisboa: Edição da Sociedade de Geografia de Lisboa, 1968. N.º 16 Ano IV.

Subsistem ainda vários exemplares arquitectónicos da época embora as necessidades funcionais de cinco séculos de habitabilidade tenham alterado profundamente os interiores e conservado apenas as fachadas. Permanece também ainda hoje, para a maior parte dos casos o formato do lote com a sua frente para a rua estreita e comprimento em muito superior à largura.

Tentaremos pois ao longo deste estudo, cingindo-nos à informação recolhida, reconstituir a Habitação quinhentista da rua Direita de Viseu.

### As Fontes

No seguimento da tradição medieval grande parte da propriedade intramuros pertence ao Cabido, à Coroa e ao Concelho. A exploração destes bens fazia-se normalmente mediante um contrato em que o proprietário cedia a outrem a utilização do bem a troco de um pagamento. Os regimes de emprazamento mais utilizados eram o perpétuo e o temporário (em vidas ou em anos) e implicavam duas estratégias distintas. O primeiro, utilizado maioritariamente pelos Concelhos exigia menor controlo, mas também produzia menor rendimento devido à desvalorização monetária e uma alienação progressiva da propriedade<sup>2</sup>. O segundo, utilizado pelo Cabido era mais rentável e seguro, mas exigia um controlo rigoroso das transmissões e das actualizações do foro.

No caso da documentação estudada o emprazamento é sempre temporário com a duração de três vidas: “*Nos e o daiam dignidades conegos e cabido da See da cidade de Viseu fazendo Cabido na casa da livraria da dita See chamados por som de campa tangida segundo nosso custume, a quantos esta nossa carta demprazamento em tres vidas virem*”<sup>3</sup>.

Ao foreiro cabia a manutenção da propriedade que poderia ser melhorada e nunca piorada<sup>4</sup>. Qualquer melhoramento que nela fizesse (aumento de pisos, construção de novos edifícios ou consolidação dos existentes) revertia sempre para os detentores da propriedade: “*...e acabadas as tres vidas o cabido por propria autoridade livremente e sem contradicção de pesoa alguma posa tomar pose do dito prazo com todas e qoaisquer benfeitorias de qualqer qalidade que forem [...] sem por ellas dar ou pagar cousa alguã*”<sup>5</sup>. As obras compensavam se o usufruto da propriedade por si e pelos seus se previsse longo, daí que muitas vezes os foreiros em segunda ou terceira vida pedissem ao Cabido para lhes fazer novo emprazamento em primeira vida. Essa petição era quase sempre atendida uma

<sup>2</sup> Vd. DUARTE, L. M.; AMARAL, L. C. – Prazos do Século e Prazos de Deus. *Revista da Faculdade de Letras do Porto*. Porto: Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1984. Volume I.

<sup>3</sup> Arquivo Distrital de Viseu (doravante A.D.V.) Fundo do Cabido Lv. 426/4 Fl. 3.

<sup>4</sup> “*...e farão sempre nas ditas casas e cortinbal de maneira que por elles e por depois delles sejam sempre melhoradas e não peioradas.*” A.D.V. Fundo do Cabido Lv. 426/4 Fl 127 v.

<sup>5</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv. 432/9 Fl 172.

vez que permitia não só uma actualização do foro, mas também a manutenção da propriedade em mãos de gente já conhecida<sup>6</sup>.

Os aforamentos eram sempre, neste estudo, unifamiliares feitos normalmente à cabeça de casal (homem ou mulher viúva) ou ao casal.

Os prazos são documentação de gestão de propriedade por isso obedeceram a objectivos precisos ao serem redigidos: exercer o domínio da propriedade, identificar o bem, identificar o detentor do prazo (na 1ª vida e nas seguintes)<sup>7</sup> e as suas obrigações de manutenção do imóvel e estipular o pagamento e a(s) data(s) da sua entrega<sup>8</sup>. Estas informações correspondem a uma espécie de formulário pré definido e praticamente invariável que todos os prazos tinham que preencher. As restantes informações que os documentos nos fornecem são de algum modo circunstanciais e variam segundo a época, os vedores e o escrivão. A descrição do edifício pretendia apenas esclarecer claramente os seus limites e as dimensões para aferir o foro a cobrar<sup>9</sup>.

### O Lote

Ao contrário da casa o lote tem tendência para permanecer estável ao longo do tempo chegando muitas vezes até aos nossos dias. De forma geralmente alongada e mais estreito na parte virada para a rua o lote procura rentabilizar o espaço urbano, mais apetecível à face da via de circulação.

Ao nível da largura o espaço do lote corresponde geralmente ao espaço da casa, o mesmo não acontecendo em relação ao comprimento. Se há casos em que a área do lote é até seis vezes superior à área de implantação da casa noutros exemplos excede em pouco o dobro ou por vezes nem isso. O empraçamento feito Sebastião Rodrigues, tosador, é nesse sentido significativo das divergências entre realidades que podemos encontrar, ocupando o quintal apenas nove metros quadrados no interior do lote em contraste com os quase trinta e oito ocupados pela habitação. No extremo oposto temos o Prazo feito a Isabel da Costa, mulher

---

<sup>6</sup> "...o dito seu pai trazia de nos e da nosa mesa capitular por título de prazo buas casas na Rua Escura e um olival a Ranbados, em que o dito seu pai foi a primeira vida e que por falecimento do dito seu pai o dito prazo fiquara a bua sua irmã chamada Janebra de Gouveia na segunda vida que nos pedia lbe quisesemos de novo empraçar a dita casas e olival o que visto por nos ouvemos por por bem fazer novo prazo em tres vidas a dita Janebra de Gouveia." A.D.V. Fundo do Cabido Lv 426/4 Fl 35v.

<sup>7</sup> "...ao dito Bastião Rodrigues e a dita sua mulher ambos em primeira vida e para hum filbo ou filha dantre ambos neto ou neta e não havendo filbo ou filha neto ou neta para duas vidas depois delles que elles anbu que derradeiro delles falecer em dias de sua vida ou oras de sua morte nomeara a segunda vida que pela mesma maneira nomeara a terceira de modo que sejam tres vidas cumpridas e acabadas e mais não." A.D.V. Fundo do Cabido Lv 426/4 Fl 43.

<sup>8</sup> "... e pagae nos ão de foro e pensão destas casas e quintais em quada hum anno quatrocentos reis em dinbeiro e dous capões bons e de receber. Ho dinbeiro pago as terças do anno natal, páscoa, san João e os capões por san Martinho em carne tudo paguo nesta cidade." A.D.V. Fundo do Cabido Lv 426/4 Fl 43.

<sup>9</sup> "... e vista em cabido a dita vedoria e informação dos ditos vedores nos prazera novamente de empraçaremos e daremos a foro e pensão estas casas e cortinbal assi como aqui vam demarcadas..." A.D.V. Fundo do Cabido Lv 426/4 Fl 43.

de António Francisco, sapateiro, em que a uma área de implantação da habitação de trinta e seis metros quadrados se opõe um quintal de cerca de duzentos e vinte e seis.

**Quadro I – O Lote e a ocupação do espaço no seu interior**

<b>Dimensões da implantação da casa em varas (comprimento x largura)</b>	<b>Área da implantação da casa em metros quadrados</b>	<b>Dimensões do quintal em varas (comprimento x largura)</b>	<b>Área do quintal em metros quadrados</b>	<b>Área do Lote em metros quadrados</b>
10 x 3	36,3	17 x 11	226,27	262,57
8 x 4,5	43,56	12 x 7	101,64	145,2
10 x 2 e 2 palmos da banda da rua e da banda do quintal 3,5	45,5	8 e 2 palmos x 4	40,48	85,98
13 x 3 da banda da rua e 4 pelo quintal	55	11 x 5 pela banda das casas e 3,5 no cimo	56,6	111,6
10 x 2 e 1 palmo	26,4	10 x 10	121	147,4
6 e 2 palmos x 6 e 2 palmos	49	18,5 x 7,5	167,9	216,9
10 x 2 e 2 palmos	28,6	10 x 10 (desta casa e de outra?)	121	149,6
14 x 3,5 + 4 x 3 da cozinha	52,6	13,5 x 7,5	122,5	175,1
12,5 x 2,5	37,8	3 x 2,5	9	46,8
10,5 x 7	88,9	9 x 4	43,6	132,5
8 x 5 + 5,5 x 4,5 na casa dianteira	78,3	5,5 x 4,5	29,9	108,2
8,5 x 5,5 + 8 e 1 palmo x 5 + 6 x 4	135	14 x 5,5	93,2	228,2
8,5 x 5,5 + 5 x 6,5 + 6,5 x 4 menos 1 palmo + 3 x 3	136,7	dois quintais 6 x 6 + 14 e 1 palmo x 8	180,8	317,6
5 x 3,5 + 4 x 2,5 4x 3	47,8	14 x 3,5 do levante e 5 do poente	72	119,8

A parte posterior do lote era geralmente ocupada por quintais, cortinhais e construções de apoio (fornos, cortelhas de porcos, palheiros).

Nestes redutos as hortas assumiam uma importância crucial para o habitante da cidade permitindo um complemento da sua alimentação à base de pão e carne,

ou de peixe nos sessenta e oito dias do ano em que esta era interdita, com recurso a alguns produtos frescos. Nas classes mais abastadas os legumes não eram muito apreciados, mas a maior parte da população ingeria regularmente todo o tipo de couves (comum, tronchuda, couve-flor), favas, lentilhas, grão-de-bico, feijões, brócolos, alfaces, pepinos, rabanetes, cenouras, nabos entre outros<sup>10</sup>, facilmente produzidos nestes espaços.

Também a fruta era um contributo importante para alimentação, quer fosse consumida fresca quer seca ou em conservas. Todas as frutas referidas na documentação são autóctones restando apenas alguma dúvida no que concerne às laranjeiras uma vez que a laranjeira doce tinha sido recentemente introduzida em Portugal. A laranja amarga tinha usos e propriedades semelhantes às do limão.

As árvores mais habituais e referidas em maior quantidade são as laranjeiras e os limoeiros, que serviam dois propósitos, alimentares e medicinais. As fruteiras mais abundantes são as figueiras e as videiras (parreiras) aparecendo também referida uma pereira. Aparecem ainda referidos dois loureiros.

### Quadro II – Árvores no interior dos lotes

parreira	laranjeira	figueira	limeira	loureiro	pereira
1					
	2				
1	1	3	2	2	
	1		1		
	2	3	3		1
	várias				

A criação de animais (porcos, aves) revelava-se também muito importante para a economia doméstica, não só para consumo próprio mas para o pagamento do próprio foro. Na documentação surgem-nos três cortelhos de porcos, no empraçamento feito a Isabel da Costa<sup>11</sup>, no Prazo de Domingos Fernandes<sup>12</sup> e no de Violante Correia<sup>13</sup>.

Para além das construções destinadas à criação de animais os quintais eram povoados por outras edificações de função mais ou menos específica. Casas terreiras sem fim discriminado como as referidas no empraçamento feito a Luzia de Figueiredo: *“loguo detras destas ditas casas esta hum quintal a honde*

<sup>10</sup> MARQUES, A. H. de Oliveira – *A Sociedade Medieval Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1981. p. 11.

<sup>11</sup> *“e no cimo do quintal tem serbintia a porta para a rua do Carvalho que tem de cumprido sete varas e de larguo quatro onde esta hum cortelho de porcos”* A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl 99.

<sup>12</sup> *“tem um quintall que tem de cumprido onze varas em cimo tem bua cortelha pera porquos”* A.D.V. Fundo do Cabido Lv 428/6 Fl 32v.

<sup>13</sup> *“...e no cimo [...]entra en hum pardieyro que serbe de cortelho”* A.D.V. Fundo do cabido Lv 428/6 Fl 35v

*estam duas casas tereiras*<sup>14</sup>; alpendres como o existente no Prazo feito a Gaspar Fernandes, porteiro da Maça do Cabido “*por detras destas ditas casas esta hum alpendre com seu quintal*”<sup>15</sup>; palheiros como o do emprazamento de João do Loureiro “*tem hum palbeyro no dito quintall que tem de comprido nove varas e de larguo cinco e meia*”<sup>16</sup>; fornos e pátios como o do prazo feito a Maria Cardosa<sup>17</sup> e pardieiros como o levantado no quintal de Beatriz Gonçalves “*loguo alem do quintall hum pardieyro com paredes levantadas e janela de quantaria e portall*”<sup>18</sup>. Estas construções serviam múltiplas funções que iam desde a transformação, ao armazenamento ou até mesmo a fins habitacionais.

No caso de possuírem poços os quintais evitavam a saída das mulheres para o exterior para se abastecerem de água facilitando as tarefas diárias. Permitiam também aumentar a salubridade da vida nas cidades fornecendo espaço para despejos e para um sem número de actividades de lazer e trabalho do dia a dia e, em época de fome ou peste, representavam uma importante reserva alimentar intra muros.

Estes quintais no miolo dos quarteirões conferiam à cidade uma imagem dupla, carácter compacto da construção ao nível da rua e espaço livre e ruralizado no interior dos lotes.

### A Habitação

Na documentação analisada o edifício é sempre designado por “casas” termo que serve também para designar divisões do mesmo<sup>19</sup>. A habitação do século XVI revela assim a sua tradição medieval de unidade orgânica de crescimento pragmático em que as divisões (casas) eram acrescentadas, em altura ou extensão à medida das necessidades.

Por vezes o vocábulo é acompanhado por outros como por exemplo “*casas sobradadas*”<sup>20</sup> ou “*casas de dois sobrados*”<sup>21</sup> que nos facultam um entendimento mais concreto do espaço.

### Os Pisos

De todas as informações sobre as habitações fornecidas pelos Prazos a mais

<sup>14</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv 430/7 Fl 45

<sup>15</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv 430/7 Fl 95v.

<sup>16</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv 424/2 Fl 30.

<sup>17</sup> “... *balcão por onde se serve përa o forno o qual tem hum pedaço de pateo com servintia da banda da rua pública que des o balcão ate a porta do forno tem treze varas e de larguo cinco e ao longo do forno tem hum requanto que serve de ter mato que tem de larguo cinco varas e de comprido quatro e meia. E tem uma moreira e o forno no vaõ de comprido tem sete varas e de larguo cinco...*” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl 60 v.

<sup>18</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv 423/1 Fl 20v.

<sup>19</sup> “*Na rua Direita desta cidade indo pera Cimo de Villa estam buas casas que am prazo e propriedade do Cabido [...] no sobrado de cima outras tres casas...*” A.D.V. Fundo do cabido Lv 431/8 10v.

<sup>20</sup> “*Na rua Direita defronte da quelha de Gaspar Vaz estam buas casas sobradadas que pertencem a mesa capitular que sam dum sobrado...*” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl 99.

<sup>21</sup> “... *e sam de dous sobrados...*” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl 99.

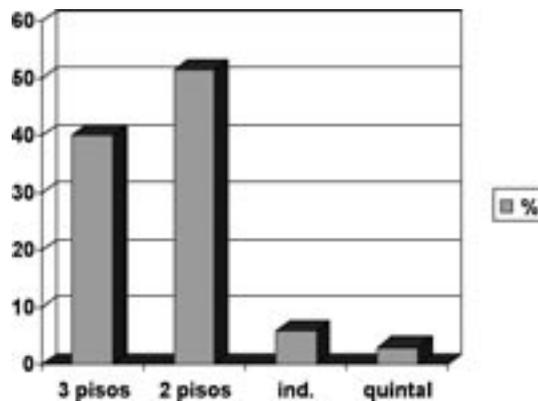
comum é o número de pisos, sendo que dos trinta e seis registos encontrados apenas dois não referem a altura da habitação.

Não se encontrou nenhuma evidência de casas térreas à face da rua, funcionando como casa principal, mas apenas remetidas para os quintais como construções de apoio sem papel específico identificado.

As casas de dois pisos, “casas sobradadas” na documentação, são as mais abundantes atingindo 51,4% do total. As casas de dois sobrados, três pisos, representam 40% da amostra sendo 5,7% de altura indeterminada<sup>22</sup> e 2,8 quintais (universo representado por apenas um exemplar).

Existem ainda soluções intermédias de meios sobrados: “... *as quais são sobradadas e tem duas logeas tem por cima tres casas sala cozinha e camara e sobre a camara outra casa...*”<sup>23</sup> que neste caso para fins estatístico foi contada como sendo de dois sobrados.

**Gráfico I – Número de Pisos**



Sendo a Rua Direita um dos espaços mais atractivos da cidade não admira que a escassez e custo do solo se traduzissem por um aproveitamento em altura solução recorrente nas cidades portuguesas de então<sup>24</sup>.

A frente do lote era quase sempre de dimensões reduzidas, mas a área habitacional era ampliada quer através de grandes profundidades (comprimento) quer recorrendo à sobreposição de pisos. Para obter a área total do espaço habitacional temos pois que multiplicar à área de implantação pelo número de pisos.

<sup>22</sup> “... as ditas casas tem de comprido treze varas e de larguo seis varas e tem para banda de cima hua câmara que tem seis varas de comprido e de larguo...” A.D.V. Fundo do cabido Lv 424/2 Fl 112.

<sup>23</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl 72.

<sup>24</sup>TRINDADE, Luísa – *A casa Corrente em Coimbra dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna*. Coimbra. Edição da Câmara Municipal de Coimbra, 2002. p. 142.

### Organização interior

A organização interior da habitação quinhentista é, no seguimento das construções medievais, profundamente orgânica e pragmática. Os espaços vão surgindo mediante a necessidade de resposta a necessidades de abrigo, armazenamento ou actividade comercial.

A especialização do espaço varia de caso para caso sendo mais notória em casas com maior número de divisões. O andar inferior pode ser composto por uma só loja ou dividido em vários espaços sendo comum o modelo de loja dianteira e loja traseira<sup>25</sup>.

Por vezes verifica-se uma maior especialização do espaço e a loja dianteira transforma-se em local de exercício de actividade profissional como no prazo feito a Isabel Gomes em que vem discriminada uma botica: *“em bayxo tem duas logeas e bua botica com seus portais de pedra”*<sup>26</sup>. As lojas estavam também muito ligadas ao armazenamento, podendo esse armazenamento ser discriminado como no caso da adega referida no prazo feito a Domingos Fernandes: *“tem por bayxo duas casas que serve de adegua tem mais alem da adegua junto do quintall bua logea”*<sup>27</sup>.

Nos pisos superiores as divisões mais frequentes são as salas, cozinhas e câmaras que aparecem referidas em quase todos os prazos variando o seu número<sup>28</sup>. Por vezes surgem também divisões indiscriminadamente referidas como “casas”. A organização espacial interna segue na maioria dos casos o sistema de *enfilage*, em que as divisões se sucedem e se acede directamente de uma para outras. Em casas de maiores dimensões e maior número de divisões surge por vezes o corredor: *“tem por cima quatro casas e hum corredor que vai para o quintal”*<sup>29</sup>.

Nos imóveis de três pisos a cozinha situa-se normalmente no último quer para facilitar a saída dos fumos, numa época em que as chaminés não são ainda apanágio de todos, quer para reduzir os riscos de incêndio<sup>30</sup>. Em se tratando de edifícios de dois pisos, sendo o inferior sempre ocupados por lojas, a cozinha é na maior parte dos casos a divisão do meio<sup>31</sup>.

A sala é normalmente a divisão que dá para a rua, segue-se a cozinha e por fim a(s) câmara(s) junto ao quintal. Quando as divisões são reduzidas surgem por vezes os diminutivos nos seus tratamentos como por exemplo “camarinha”<sup>32</sup>.

<sup>25</sup> “... em bayxo tem bua logea dianteyra e outra dentro...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 425/3 Lv 124.

<sup>26</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl. 97 a 98v.

<sup>27</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv 428/6 Fl 32v.

<sup>28</sup> “...bua sala cozinha e duas câmaras...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 428/6 Fl 32v.

<sup>29</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv 428/6 Fl 32v.

<sup>30</sup> “... no sobrado de cima tem outras três casas de telha vã das quais bua serbe de cozinha...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl.71.

<sup>31</sup> “... e no primeiro tem bua sala com sua chaminé e tem de comprido seis varas e meia de medir e de larguo quatro e loguo diante uma cozinha que tem de comprido cinco varas e de largo quatro e loguo mais diante uma camara com sua chaminé...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 430/7 Fl 45.

<sup>32</sup> “... e encima sala, cozinha e camara e outra camarinha.” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl 99.

Algumas casas revelam-se assim de planta mais complexa, com maior número de divisões e soluções diferenciadas como no caso do Prazo de Domingos Fernandes: “*tem por cima quatro casas e hum corredor que vai para o quyntal bua sala e cozinha e duas camaras a que esta junto do quintal lbe forada e tambem tem sobre a escada bua quama*”<sup>33</sup>. Surge-nos apenas uma referência a um despejo: “*outra câmara piquena forrada com um repartimento que serve de despejo*”<sup>34</sup>.

No emprazamento feito a D. Luzia de Figueiredo surge-nos referido um oratório<sup>35</sup> numa casa de grandes dimensões, divisões abundantes e duas chaminés sugerindo assim o elevado estatuto económico e social da sua ocupante.

No século XVI eram ainda pouco abundantes as chaminés em Portugal, como é visível no Livro de Duarte de Armas. Na documentação estudada a sua existência era sempre reveladora de uma casa de grandes dimensões e qualidade construtiva<sup>36</sup> situando-se normalmente na sala ou na câmara<sup>37</sup>.



**Imagem 1**

ARMAS, Duarte de - *Livro das Fortalezas*. Lisboa: Edições Inapa, 1997.  
Pormenor de Moura.

<sup>33</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv 428/6 Fl 32v.

<sup>34</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv 432/9 Fl. 2.

<sup>35</sup> “... e diante desta camara sobre ho quintal tem hum oratorio...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 430/7 Fl 44v a 46v.

<sup>36</sup> “... bua salla grande forrada com serventia para uma escada de pedra que vai do dito pateo com duas genelas de cantaria e chaminé...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 432/9 Fl. 2.

<sup>37</sup> “...e tem duas chaminés bua na salla e outra na câmara...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl 71.

**Quadro III – Repartimentos**

cozinha	sala	câmara	lojas	outras
1		2	2	
1	1	5		Corredor despejo
1	1	1	2	outra casa
1	1	2	2	botica
1	1	1	3	camarinha
1	1	2	3	2 casas
1	1	1	?	
1	1	2	3	2 casas
1	1	1	?	oratório 3 casas
	1	2	3	3 casas
1	1	2	1	adega corredor
1	1	1	?	
	1	1	1	
	1	1	?	
		2	1	
1	1	2	1	
1	1	2	?	
	1	1	1	
	1	1	?	
			3	6 casas
1	1	1	?	
	1		3	7 casas
1	1	?		
1		1	2	saleta dianteira
	1			3 casas
1	1		?	morada
1	1	2	?	
	1	?	?	
1	1	1		
1				casa dianteira outra casa

A porta é normalmente a única abertura do andar inferior, no entanto quando na loja dianteira é exercida uma actividade profissional podem existir duas portas (ou até mais) dando acesso uma ao espaço profissional e outra ao habitacional<sup>38</sup>.

<sup>38</sup> “em bayxo tem duas logeas e bua botica com seus portais de pedra” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl. 97 a 98v.

As casas com acesso exterior ao piso superior são raras para todo o território nacional verificando-se na Rua Direita de Viseu apenas um exemplar, em que de um pátio se tem acesso ao piso superior através de uma escadaria de pedra<sup>39</sup>.

As janelas, reservadas para os pisos superiores<sup>40</sup>, limitam-se ao mínimo indispensável como forma de controlar a temperatura, mas talvez também por questões de segurança.

A utilização de vidros em Portugal no século XVI era um luxo reservado a muito poucos. Normalmente os vãos eram tapados com recurso a portadas de madeira, ou nalguns casos a tecido, papel, pergaminho, oleados e encerados, ou simples cortinas<sup>41</sup>. Com tão frágeis barreiras entre o interior da casa e o exterior não é de admirar o reduzido número de aberturas. O interior das habitações resultava assim mal iluminado e pouco arejado.



**Imagem 2**

ARMAS, Duarte de - *Livro das Fortalezas*. Lisboa: Edições Inapa, 1997.  
Pormenor de Sintra

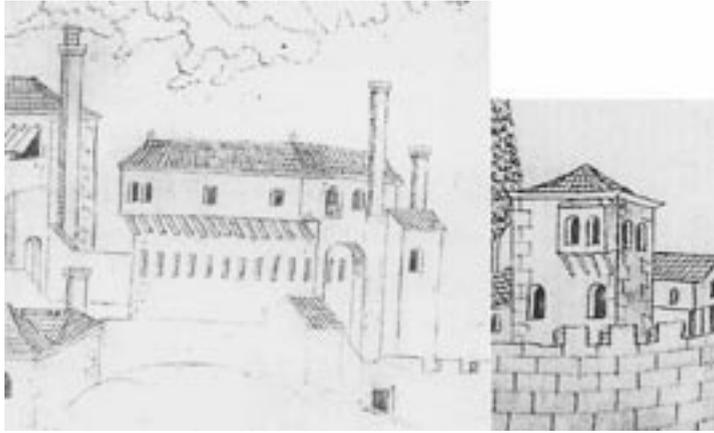
### **Sacadas e balcões**

Como forma de rentabilizar o espaço construído a arquitectura medieval multiplicou os prolongamentos do edifício sobre a via pública. O acrescento de um andar superior significava normalmente uma projecção sobre a rua através de sacadas e balcões apoiadas em estruturas de madeira fixas à parede do edifício ou esteios.

<sup>39</sup> "... *bua salla grande forrada com serventia para uma escada de pedra que vai do dito pateo...*" A.D.V. Fundo do Cabido Lv 432/9 Fl 2.

<sup>40</sup> "... *uma saleta dianteyra que tem bua janela para a rua Direita ...*" Lv 425/3 Fl 124.

<sup>41</sup> TRINDADE, Luísa – *Ob. cit.* p. 57.

**Imagem 3 e Imagem 4**

ARMAS, Duarte de - *Livro das Fortalezas*. Lisboa: Edições Inapa, 1997.  
Pormenores de Sintra e de Moura.

Para além destas sacadas e balcões verifica-se por vezes a ligação de duas casas fronteiras pertencentes a um mesmo proprietário por meio de um passadiço sobre a rua. Esta apropriação do espaço público pelo espaço privado resultava nefasta quer pelos inconvenientes para a saúde pública de ruas estreitas, húmidas e mal arejadas, quer pelo risco de propagação de incêndios que destruíam ruas inteiras em pouco tempo.



**Imagem 5** - ARMAS, Duarte de - *Livro das Fortalezas*. Lisboa: Edições Inapa, 1997.  
Pormenor de Castelo de Vide.

**Imagem 6** - Travessa da Rua Direita. (Fotografia do autor)

No século XVI surgem várias tentativas para tornar as ruas mais alinhadas, em 1502 D. Manuel ordena a demolição de todos os balcões e sacadas de Lisboa<sup>42</sup> e

<sup>42</sup> Vd. CARITA, Helder - *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495- 1521)*. Lisboa. Livros Horizonte, 1999.

noutros pontos do país a Municipalidade determinou também o fim das sacadas e balcões, mas as suas repercussões não se verificam no nosso objecto de análise

Ao longo de todo o século XVI sacadas<sup>43</sup>, balcões<sup>44</sup> e passadiços são uma realidade na rua Direita de Viseu. Tendo em conta que a rua na maior parte da sua extensão oscila entre os dois e os três metros e que as sacadas e balcões se podiam prolongar até um terço da sua largura de cada lado a rua devia ser bastante escura, húmida e de arejamento difícil.

### Os Materiais

O material mais abundante era sem dúvida a madeira quer aplicada sozinha quer em taipa (mistura de barro, palha, madeira e por vezes gesso). Estas soluções eram empregues não só nas divisões interiores, mas também nas paredes exteriores.

A solução ideal parece ter sido a construção em pedra ao nível do solo, normalmente até ao sobrado e o uso da taipa daí para cima. A construção em pedra resultava mais dispendiosa e necessitava mão-de-obra especializada enquanto que a madeira e a taipa eram soluções económicas que o próprio podia realizar. A construção mista, pedra junto ao solo e taipa ou madeira nos pisos superiores permitia o isolamento da humidade junto ao solo e um crescimento em altura acessível<sup>45</sup>. Por vezes a pedra chega até ao segundo sobrado sendo apenas o último de taipa<sup>46</sup>.

Alguns casos indicam apenas o material para os vãos<sup>47</sup> permanecendo a dúvida se a parede seria toda de cantaria ou numa parede de taipa ou madeira estavam inseridos vãos de moldura granítica.

Os repartimentos interiores são sempre de taipa ou tabuado: “*com seus repartimentos de taboado e taipas*”<sup>48</sup>. Na amostra estudada não há qualquer referência ao barro ou à cal embora devessem ser utilizados nos rebocos e no fabrico da taipa.

O chão dos pisos inferiores seria normalmente em terra batida e os superiores de madeira<sup>49</sup>, correspondendo ao sobrado. A única excepção regista-se no Prazo feito a Maria Cardosa em que o chão da cozinha e da câmara é de lajes porque estão sobre uns penedos<sup>50</sup>.

<sup>43</sup> “...e tem buã sacada de hum palmo...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl 12.

<sup>44</sup> “...isto tudo de vão afora as paredes e afora o balcão que esta sobre a rua...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl 37v.

<sup>45</sup> “... as paredes sam de cantaria ate o sobrado e dabi pera cima de taipas ao longuo da rua...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl 60v.

<sup>46</sup> “...e vai de cantaria ate o segundo sobrado...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl 97.

<sup>47</sup> “... duas genelas de cantaria...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 432/9 Fl 2.

<sup>48</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv 432/9 Fl2.

<sup>49</sup> “...e os sobrados e os repartimentos sam de tavoado ja velbo...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 425/3 Fl 124.

<sup>50</sup> A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/8 Fl.60v.

As coberturas eram exclusivamente de telha, com o beiral saliente para proteger a fachada, não se encontrando qualquer palhota. Interiormente podiam ser de telha vã<sup>51</sup> ou forradas<sup>52</sup> aparecendo até câmaras pintadas<sup>53</sup>.

### **Conclusão**

A materialidade da casa é reflexo da realidade social de quem a habita. A casa quinhentista é no seguimento das construções medievais uma unidade orgânica que vai sendo acrescentada à mediada das necessidades, daí a designação de “casas” para a totalidade do edifício que era visto não como um todo planeado e construído obedecendo a um plano prévio ou a uma abstracção, mas a uma sucessão de divisões multifuncionais.

A utilização maioritária de materiais “pobres” e facilmente degradáveis, bem como as alterações das necessidades habitacionais ao longo de cinco séculos fez com que chegassem até aos nossos dias poucos exemplares deste tipo de arquitectura. Os que chegaram são normalmente a excepção, o edifício de melhor qualidade, em pedra normalmente, que sobreviveu não só devido à sua melhor qualidade material, mas também devido a um reconhecimento social do seu valor prestigiante enquanto testemunho do passado, o que não acontece com este tipo de construções.

Entender a casa é entender o Homem, a família, a profissão. A casa comum é o reflexo das actividades quotidianas, não das extraordinárias, do esforço individual ou familiar e não do poder político ou religioso, mas talvez por isso reveste-se de uma riqueza histórica e cultural de que as grandes construções estão isentas.

Procurámos neste estudo dar um contributo para a análise da habitação doméstica quinhentista caracterizando as “casas” da rua Direita de Viseu no século XVI.

---

<sup>51</sup> “... e de telha vã...” A.D.V. Fundo do Cabido Lv 431/ 8 Fl 60v.

<sup>52</sup> “... e no sobrado cimeyro estam outras tres casas das quoaes duas delas sam foradas...” Lv 430/7 Fl 45.

<sup>53</sup> “...hua camara forada e percima pintada...” A.D.V. lv 432/9 Fl 2.